



POR QUE INVESTIGAMOS? UMA LEITURA DE PIERRE HADOT SOBRE O FILOSOFAR COMO TERAPÊUTICA

Guilherme Borges Almeida¹

Resumo: O filósofo francês Pierre Hadot é mais conhecido por sua tese de que o filosofar na Grécia Antiga designava algo marcadamente distinto do sentido contemporâneo do termo: antes de um acúmulo de conhecimentos informativos, o filosofar era uma prática formativa que tinha como finalidade cultivar um estado de serenidade da alma (*ataraxia*) a partir da prática de exercícios espirituais. Ainda que o termo filosofia tenha vindo a designar uma atitude exclusivamente teórica (instituinto uma separação entre teoria e prática que não existia na filosofia antiga), Hadot insiste em afirmar que há na filosofia moderna e contemporânea reaparecimentos reiterados da concepção antiga da filosofia como modo de vida. O presente trabalho buscou debruçar-se sobre o tema da permanência de uma postura existencial de conversão total do ser na filosofia contemporânea, que é apontada por Hadot em sua obra. Foi dada especial atenção à noção de filosofia como uma *terapêutica* – que aponta para o cultivo de uma atitude interior fundamental como parte integrante do fazer filosófico. Buscou-se, assim, responder à seguinte pergunta: como a concepção da filosofia na Grécia Antiga descrita por Pierre Hadot se relaciona com o filosofar contemporâneo? Para explorar essa problemática, ensaiou-se uma aproximação entre as investigações filosóficas e a neurose obsessiva na psicanálise. Em especial, explorou-se o relato do caso do *Homem dos Ratos*, de Freud, sobre o prazer em atingir um resultado intelectual na neurose obsessiva. Argumentou-se que o não reconhecimento dessa satisfação intelectual que segue permeando as investigações filosóficas gera uma certa incompreensão da filosofia sobre o seu funcionamento e sobre os seus objetivos. Com isso, apontou-se como a obra de Hadot permite não só apenas uma nova compreensão da filosofia da Grécia Antiga, mas também da filosofia na atualidade.

Palavras-chave: Pierre Hadot. Exercícios Espirituais. Satisfação intelectual. Ataraxia. Investigação filosófica.

Abstract: The French philosopher Pierre Hadot is best known for his thesis that philosophising in Ancient Greece designated something markedly different from the contemporary meaning of the term: rather than an accumulation of informative knowledge, philosophising was a formative practice aimed at cultivating a state of serenity of soul (*ataraxia*) through the practice of spiritual exercises. Although the term philosophy has come to designate an exclusively theoretical attitude (establishing a separation between theory and practice that did not exist in ancient philosophy), Hadot insists on affirming that there are repeated reappearances in modern and contemporary philosophy of the ancient conception of philosophy as a way of life. This paper attempted to address the issue of the permanence of an existential posture of total conversion of being in

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL). Pós-graduando no curso de especialização em Psicanálise Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Bacharel em Relações Internacionais. E-mail: guilherme.borgesalmeida@gmail.com.

contemporary philosophy, which is pointed out by Hadot in his work. Special attention was paid to the notion of philosophy as a *therapy* – which points to the cultivation of a fundamental inner attitude as an integral part of philosophical endeavour. The aim was to answer the following question: how does the conception of philosophy in Ancient Greece described by Pierre Hadot relate to contemporary philosophising? In order to explore this problem, an approach was made between philosophical investigations and obsessive neurosis in psychoanalysis. In particular, it explored Freud's account of the case of the *Rat Man* regarding pleasure in achieving an intellectual result in obsessive neurosis. It was argued that the failure to recognise this intellectual satisfaction that continues to permeate philosophical investigations generates a certain lack of understanding in philosophy about its workings and its objectives. With this, it was pointed out that Hadot's work allows not only for a new understanding of Ancient Greek philosophy, but also of philosophy today.

Keywords: Pierre Hadot. Spiritual Exercises. Intellectual satisfaction. Ataraxia. Philosophical Investigation.

INTRODUÇÃO

Esse breve trabalho busca explorar não propriamente um conteúdo filosófico específico, mas, antes, interroga o próprio filosofar enquanto uma prática, atendo-se ao próprio ato de investigar. Tal temática, por vezes muito implícita na filosofia como prática universitária, vai além de tentar explicar o interesse sobre determinados temas de pesquisa, porquê são eleitos determinados objetos de investigação e não outros, mas tenta explorar a prática de investigar em primeiro lugar.

A intuição que guiou esse trabalho foi a de que possivelmente haja um ganho ao se colocar no ato de investigar (ou o estado mental de investigar) e que esse ganho nem sempre é reconhecido ou levado em conta. Tal intuição veio com a leitura da obra do filósofo e historiador helenista francês Pierre Hadot, especialmente a partir de suas considerações sobre as diferenças e permanências entre as concepções antigas e contemporâneas do filosofar. Não tendo a pretensão de um estudo exaustivo, o presente trabalho representa um esforço inicial e exploratório sobre o tema, oferecendo apenas algumas breves notas de investigação.

UMA FILOSOFIA COMO TERAPÊUTICA

Pierre Hadot é mais conhecido por sua tese sobre o que significava a filosofia na Grécia antiga e sobre como esse termo foi ganhando um sentido muito diferente com o passar do tempo. Ele também é muito conhecido por ser o autor de referência a que Foucault se volta, na última parte de sua obra, para falar de filosofia antiga e da ideia de cuidado de si (Foucault, 1985) – embora Hadot (2014a) aponte suas ressalvas em relação à leitura que Foucault fez de sua obra, em

especial a respeito da noção foucaultiana de filosofia como *estética da existência*. A preocupação maior desse trabalho, então, é pensar as implicações que essa tese de Hadot tem (e que ele chega a apontar) para pensar a filosofia contemporânea. Portanto, é pertinente expor brevemente as linhas gerais dessa tese e debater brevemente a filosofia na Grécia antiga, ainda que se tenha a preocupação de retornar a um contexto contemporâneo.

Hadot (2012a) conta que a sua motivação para repensar o entendimento que normalmente se tem da filosofia antiga veio ao se deparar com várias observações de comentadores modernos que, em algum momento de suas obras, se queixavam dos filósofos antigos por suas “imperícias de exposição”, “falhas de composição” (Hadot, 2014a), falta de rigor etc. Frases de um filósofo eram citadas por outros filósofos, posteriores, em um novo sentido que claramente contradizia seu uso original, por exemplo, ou faziam paráfrases descuidadas. Esses comentadores pareciam um tanto desconcertados com a forma de escrever, de estruturar os textos dos antigos (Hadot, 2012a).

A partir dessas observações, Hadot (2012a) parte para analisar as condições concretas da vida da escola filosófica na antiguidade. Um aspecto central eram os traços de oralidade presentes nesses escritos e na filosofia da Grécia antiga: as obras escritas eram usualmente ditadas, eram lidas em voz alta (normalmente em público, debatidas e revistas). Em suma, eram parte de um ensino essencialmente oral: eram uma preparação e um prolongamento desse, e nunca estavam separados da atividade, da prática de ensino. Filosofar era a arte do *discurso vivo*, do diálogo oral – e nesse sentido a escrita nunca substituíra inteiramente a oralidade, mas era um recurso.

Hadot fala ainda que mesmo os tratados mais teóricos e sistemáticos – que foram os privilegiados na historiografia – eram não tanto *informativos*, mas sim *formativos*. Ou seja, não visavam tanto transmitir, explicar um conhecimento doutrinal, mas sim provocar uma ação transformativa, ao fazer o leitor percorrer certo itinerário. Filosofar, assim, era visto como um *exercício formativo* – e, mais especificamente, como um *exercício espiritual* (uma *askesis*). Espiritual porque suscitava uma mudança, uma *conversão* a um modo de vida filosófico (2012a). Conforme sintetiza o autor,

Os escritos filosóficos eram sempre de perto ou de longe os ecos de um ensinamento oral; e, em qualquer circunstância, para os filósofos da Antiguidade, uma frase ou uma palavra ou um desenvolvimento não eram destinados, prioritariamente, a transmitir uma informação, mas a produzir um certo efeito psíquico no leitor ou no ouvinte, levando em conta, aliás, muito pedagogicamente as capacidades do ouvinte. O elemento proposicional não era o mais importante (Hadot, 2014a, p. 334-5).

Ser um filósofo na Grécia antiga significava, para Hadot, essa atitude integral do ser em direção a esse estado praticamente inalcançável – e, portanto, quase não-humano, divino – que é a sabedoria. Fazendo uma leitura de Platão (Hadot, 2012b), ele fala que o filósofo não é o sábio (o

sophos), o que detém o saber, mas é o que ama esse saber, do qual ele está apartado. O *philosophos* é, assim, aquele que deseja o saber que lhe falta e que ele não consegue alcançar. Hadot sustenta que a filosofia na Grécia antiga era a conversão a um modo de vida voltado a perseguir a sabedoria e se aproximar dela. E esse modo de vida implica a prática de determinados exercícios. Filosofar era assim uma terapêutica, que aponta para o cultivo de uma atitude interior fundamental como parte integrante do fazer filosófico.

Essa, portanto, seria a tese de Hadot sobre o que seria a filosofia na Grécia Antiga: ela significava uma opção por um modo de vida que pressupunha a adoção de uma vida de exercícios espirituais preparatórios para a sabedoria. E esses exercícios eram, invariavelmente, praticados em conjunto com outros. A filosofia na antiguidade não seria a produção teórica sobre determinados assuntos, mas sim um esforço que colocava teoria e prática como indissociáveis. Filosofar seria então integrar-se a uma escola filosófica e aderir aos seus dogmas e a seus exercícios – ou, colocado de outra forma, adotar seu modo de vida e suas práticas. O objetivo último da filosofia não era produzir tratados sistemáticos e comentários eruditos, mas cultivar uma atitude espiritual de contemplação, que levaria à imperturbabilidade da alma (a *ataraxia*) (Hadot, 2012a; 2014b).

Para Hadot, o filosofar na antiguidade era também inconcebível como uma prática solitária. Iniciar-se na filosofia significava, antes de tudo, aderir a dogmas e princípios metodológicos de uma escola que, a rigor, não estavam em discussão. A filosofia representava, portanto, uma opção existencial que exigia comprometimento com as práticas desses exercícios e com os dogmas de uma escola.

Um caso muito pertinente para compreender essa filosofia como modo de vida é o ceticismo pirrônico e como eles compreendiam a *ataraxia*. Um caso um pouco particular, uma vez que os pirrônicos eram declaradamente não dogmáticos. Mas, mesmo assim, eles praticavam exercícios filosóficos, em especial na sua forma de investigar. Para os pirrônicos, a ausência de perturbações (a *ataraxia*) era alcançada com a suspensão do juízo (*epokhé*) em uma investigação (Hadot, 2014b). Formulavam-se, então, justificações para seguir suspendendo o juízo e se manter no estado mental investigativo. Uma filosofia cujo objetivo é se manter nesse estado mental investigativo pode ser particularmente desconcertante para um leitor contemporâneo por ser bastante distinta de qualquer concepção contemporânea de filosofia.

DESAPARECIMENTOS E REAPARECIMENTOS

Talvez surpreendentemente, o argumento de Hadot não é que essa concepção de filosofia presente na Grécia antiga esteja completamente ausente na filosofia moderna e contemporânea: há constantes reaparecimentos dessa noção da filosofia como opção existencial integral, ainda que

essa noção passe a escapar o sentido que passamos a dar atualmente ao termo filosofia. Portanto, não se trata de afirmar que o filosofar, o investigar tenha deixado de ter um caráter transformativo, mas sim que esse aspecto passou a não ser reconhecido, passou a não ser levado em consideração como parte do que entendemos ao empregar a palavra filosofia.

Hadot realiza um percurso na história da filosofia, identificando que, na Idade Média, há uma separação entre o discurso filosófico e a prática espiritual. O cristianismo passa a adotar muitas das ascetes antigas e a filosofia passa a ser compreendida como um instrumento sumamente teórico, colocado à disposição da teologia (Hadot, 2014b). Tal clivagem não significa, no entanto, o aparecimento definitivo da concepção antiga de filosofia. Ao contrário, Hadot enfatiza o seu constante reaparecimento na tradição filosófica cristã, nas meditações de Descartes como exercícios espirituais, em Montaigne, Kant, Nietzsche, Goethe e outros.

Em um contexto contemporâneo, ele aponta brevemente como as ciências humanas no geral e seus modos de expressão funcionam de forma análoga aos modelos da retórica antiga, com suas reinterpretações constantes, que possibilitam novos sentidos a partir de formulações anteriores. Há, em diferentes áreas do conhecimento, um processo apontado pelo autor como similar à “bricolagem” apresentada pelo antropólogo estruturalista Lévi-Strauss. Hadot aponta que

O pensamento evolui retomando elementos pré-fabricados e preexistentes, aos quais ele dá um novo sentido em seu esforço para integrá-los a um sistema racional. Não se sabe o que é mais extraordinário nesse processo de integração: a contingência, o acaso, a irracionalidade, o absurdo, que provêm dos elementos utilizados ou, ao contrário, o estranho poder da razão para integrar, sistematizar esses elementos e lhes dar um sentido novo (Hadot, 2012a, p. 33-34).

A questão é que esse “código retórico” que forma a nossa tradição de investigação é censurado, não reconhecido. Tal incompreensão, especula Hadot, comprometeria o nosso próprio entendimento de como nós interpretamos o que nós mesmos fazemos (Hadot, 2012a).

E quais seriam os efeitos dessa censura, desse mau entendimento, desse não reconhecimento de aspectos importantes do filosofar para a própria filosofia? Hadot não se detém nesse ponto, e é a esse ponto que este estudo pretende brevemente se voltar.

Frente ao afastamento de uma noção de investigação como terapêutica parece pertinente um breve resgate de um outro tipo de “investigação”, descrita na psicanálise, que pode servir de aproximação para pensar sobre esses efeitos no fazer filosófico contemporâneo. Trata-se de considerações feitas por Freud sobre o tema da *dúvida na neurose obsessiva*. Mais especificamente, na descrição do caso do *Homem dos Ratos*.

Freud (2013) aponta que, na neurose obsessiva, a dúvida passa a se alastrar para todo o âmbito da vida psíquica. A dúvida resulta em um estado de incerteza intolerável, que o neurótico busca soterrar com a repetição obsessiva, mas que não tiram dele a incerteza e a dúvida. Ao

contrário, Freud ressalta que a incerteza e a dúvida são necessidades da vida psíquica neurótica. “A produção da incerteza é um dos métodos que a neurose utiliza para afastar o doente da *realidade* e tirá-lo do mundo” (Freud, 2013, p. 94, grifo do autor). Ele ainda prossegue: “é bastante claro quanto os doentes se esforçam para fugir a uma certeza e permanecer na dúvida” (Freud, 2013, p. 94). Tornando-se incapazes de decidir, adiam qualquer tomada de decisão indefinidamente e se mantêm pensando. Há aqui uma regressão do agir ao pensar. Ou seja, mantêm-se no pensar como forma de não agir. E para continuar pensando é necessário seguir em um estado de incerteza e dúvida.

Freud (2013) aponta ainda que na neurose obsessiva o próprio processo de pensar gera uma satisfação, um prazer – prazer que, na psicanálise, é compreendido como sexual. O ato de pensar e a satisfação ao atingir um resultado intelectual é sentida como satisfação sexual. Aproxima-se aqui de uma consideração da satisfação intelectual existente no próprio ato de investigar – no estado mental em que nos encontramos ao nos colocarmos (e nos mantermos) investigando.

A aproximação com a investigação filosófica descrita por Hadot na filosofia antiga torna-se aqui fácil de ser observada, principalmente se for retomado o exemplo da noção de *ataraxia* dos pirrônicos mencionada anteriormente. No entanto, a intenção não é aqui diagnosticar a filosofia, mas apontar como há um elemento de satisfação intelectual presente na investigação filosófica, que muitas vezes não é reconhecido. Sem levar em conta, sem ouvir esse aspecto do filosofar, corre-se o risco de se manter em um circuito obsessivo de dúvida – incerteza –, tentativas obsessivas de banir a incerteza – ressurgimento da dúvida –, incerteza, e assim sucessivamente.

No relato do caso do Homem dos Ratos, Freud parece se aproximar muito de menções diretas à filosofia, em dois momentos. O primeiro é um exemplo anedótico retomado por Freud de sua prática clínica, que parece se assemelhar à dúvida hiperbólica de Descartes:

Recordo o exemplo da mulher que havia comprado um pente para sua filha numa loja e, desconfiando do marido, começou a imaginar se já não o possuía havia bastante tempo. Não está ela dizendo: “Se posso duvidar de seu amor [...] posso duvidar também disso, posso duvidar de tudo”, assim nos revelando o sentido encoberto da dúvida neurótica? (Freud, 2013, p. 105-106).

Aqui podemos pensar que a dúvida hiperbólica cartesiana aparece de maneira invertida: é uma certa inquietação que gera o duvidar a respeito de tudo. Tomando como recurso a literatura, poderia se dizer que tal inversão assemelha-se àquela indicada por Fernando Pessoa (pelo heterônimo de Álvaro Campos) no poema *Tabacaria*, ao afirmar que o pensamento metafísico é uma *consequência* de estar mal-disposto, e não o contrário. Talvez tal aspecto não seja completamente ignorado pelo próprio Descartes, que escolhe apresentar esse processo, de perder-se do mundo pelo duvidar de tudo e reencontrar-se com ele, como um exercício *meditativo*, que

Hadot reconhece como vindo de uma tradição antiga de exercício espiritual, que reconhece uma transformação em si e no leitor (Hadot, 2014a).

Uma segunda aparente aproximação de Freud com a filosofia refere-se aos *temas de investigação* que são privilegiados pelos neuróticos-obsessivos. Uma vez que há um esforço constante para permanecer na dúvida e fugir da certeza, Freud (2013) aponta que há uma predileção por “temas em que a incerteza é humanamente universal, em que nosso saber ou nosso juízo está necessariamente exposto à dúvida” (2013, p. 94). Ele cita quatro temas: paternidade, duração da vida, a vida-além-da-morte e a memória. Entre estes, Freud resgata repetidas vezes a atração pelo tema da morte (incluindo a transitoriedade da vida, a vida após a morte, medo da morte e a própria morte em si).

Hadot aponta justamente o tema da morte como um dos temas clássicos (e talvez o mais clássico) da filosofia na Grécia antiga: um exercício comum era explorar o tema da morte a partir dos dogmas da escola da qual determinado filósofo fazia parte (2014b). O resultado teórico da investigação produzida não era desprezível, mas ele nunca era desvinculado do processo transformativo que ele suscitava naquele que procedia a investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação como terapêutica nunca era ausente do processo de investigação. Aparentemente, havia um certo reconhecimento dos efeitos do filosofar naquele que investigava – ou melhor, naqueles que investigavam, pois se tratava de um esforço conjunto, nunca individual. E talvez reconhecer esse aspecto (que em Freud estaria na satisfação intelectual do pensamento que ele descreve na neurose-obsessiva) seria uma forma de reconhecer algo largamente censurado no entendimento contemporâneo da filosofia e do por quê investigamos. Seria uma forma de “ouvir o sintoma”, por assim dizer, readmitindo algumas questões que perpassam as discussões epistemológicas que, de uma forma ou outra, sempre se fizeram presentes no investigar. É uma forma, assim, de tentar resgatar o reconhecimento do *desejo* de investigar na prática filosófica.

Ainda que haja reaparecimentos constantes dessa concepção da filosofia na Grécia Antiga descrita por Hadot, um aparente não reconhecimento da satisfação de investigar no filosofar contemporâneo talvez afaste a investigação filosófica de um processo transformativo. Ainda que as ciências humanas possam proceder como uma “bricolagem” que se assemelha aos modos de expressão da retórica antiga, o não reconhecimento desse “código retórico” que lhe é formativo pode alimentar um circuito vicioso semelhante ao da dúvida na neurose obsessiva apontado por Freud.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”, 1909]. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”, 1909], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. v. 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HADOT, Pierre. *Elogio da filosofia antiga: aula inaugural de cadeira de história do pensamento*. São Paulo: Loyola, 2012a.

_____. *Elogio de Sócrates*. São Paulo: Loyola, 2012b.

_____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014a.

_____. *O que é a filosofia antiga?* 6. ed. São Paulo: Loyola, 2014b.